



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Anúncio das ações do Programa Comunidade Solidária no Estado de Goiás e entrega de cestas básicas a famílias de municípios do Estado de Goiás

GINÁSIO DE ESPORTES DO COLÉGIO ALCIDES JOBÉ,

GOIÁS VELHO, GO, 24 DE JULHO DE 1995

Senhor Governador de Goiás, Maguito Vilela; Dona Sandra; Senhor Vice-Governador de Goiás, Naftali Alves de Souza; Senhor Senador Iris Rezende; Senhor Senador Mauro Miranda; Senhores Deputados Federais; Senhores Secretários; Deputados Estaduais; Senhor Bispo de Goiás, Dom Tomás Balduino; Senhora Lúcia Vânia, Secretária de Assistência Social do Governo Federal; Senhora Anna Maria Peliano, da Comunidade Solidária; Senhor Prefeito de Goiás, Abner de Castro Curado; Ruth; Beatriz; Júlia – Beatriz é a mãe dela; hoje estou com a minha neta Júlia aqui também; Senhoras; Senhores,

Hoje é um dia de muita emoção para mim. Primeiro, pelo povo de Goiás. Ao desembarcar aqui, senti de imediato um povo generoso, de coração aberto e que recebe o Presidente da República como ele gosta, como cidadão; com fraternidade, com tranquilidade, sem pompa, mas com muito amor. (*Palmas.*) Depois, porque vi diretamente a obra que está sendo feita aqui em Goiás pelo Governador Maguito Vilela e pelo seu Secretariado.

Para quem tem os olhos já cansados de tanto ver coisas nem sempre boas, quando se vê um Governador que está acertando, que está atingindo o coração do povo, porque está agindo como o povo necessita, isso dá alegria e renova esperanças em todos nós.

Mais tarde, fui ao Palácio dos Arcos encontrar familiares meus, a imensa maioria dos quais eu não conhecia, mas recebi o mesmo carinho, como se fôssemos companheiros de toda a vida. Agora, ouvi o discurso aqui do nosso Prefeito, que mencionou meu bisavô, que foi Governador de Goiás um par de vezes, foi Deputado, foi Senador estadual. Mas do que eu gostei mais foi quando ele disse que, no fim da vida, meu avô recebeu um título do império: Brigadeiro. Não era militar, era um título: Brigadeiro dos Índios. O que quer dizer isso? Pessoa encarregada de proteger as comunidades indígenas. Em vez de se colocar, portanto, como alguém de cima contra os debaixo, o meu bisavô fez o contrário: procurou expressar os sentimentos daqueles que mais precisavam na época – que eram as comunidades indígenas de Goiás – com esse mesmo espírito que preside hoje, de novo, o Brasil. São novos tempos.

Estamos hoje, aqui, numa cerimônia de lançamento de cestas básicas, que serão entregues a pessoas que foram cadastradas, porque necessitam, disse o Governador, e isso nos encheu de alegria. Que não haja ninguém com fome em Goiás, que não haja ninguém com fome no Brasil. (*Palmas.*) Para isso, não é preciso muita coisa, é preciso que haja organização e solidariedade.

Em primeiro lugar, a organização do próprio povo, porque, sem que o povo se organize para saber se de fato a cesta está indo para quem necessita e sem que o povo receba altaneiramente as cestas, elas deixam de ser um elemento de libertação para ser um elemento de sujeição. Isso nós não queremos.

E, hoje, estamos destruindo uma filosofia antiga. Hoje, Governo Federal, governo estadual, prefeitos, vereadores – há tantos aqui a quem eu saúdo – se unem e não querem saber quem deu o quê; querem saber que o povo precisa e querem ver de perto – através dos Conselhos da Comunidade Solidária, que não pertencem ao Governo, mas que são da

sociedade e dos vários órgãos que existem aqui na localidade – se tudo está sendo feito corretamente.

Eu aprendi muito nesse processo quando era Ministro da Fazenda e houve uma seca muito dura no Nordeste. Lá, as comunidades se organizaram, as igrejas, como aqui, os sindicatos, as prefeituras; e, em vez de manter a indústria da seca, em que se pedia verbas e as verbas não chegavam nunca a quem precisava, as verbas foram parar nas mãos de quem precisava. Os recursos foram muitos, foram quase 2 bilhões de reais durante quase um ano. E chegaram ao povo.

Nós estamos destruindo um Estado assistencialista. Podem dizer: “Bom, se não é assistencialista, por que dar a cesta?” Porque não é assistencialismo no mau sentido, é atender o povo naquilo de que ele necessita e merece e exige do Governo. (*Palmas.*) Não é o Governo quem dá: é o povo que trabalhou e precisa.

Nós estamos destruindo práticas antigas; fechamos ministérios que estavam encarregados de fazer a sujeição dos governadores ao Governo Federal, e dos prefeitos aos governadores. Estamos substituindo esse mecanismo pela transferência direta dos recursos. Aqui foi vista diretora de escola recebendo dinheiro. Não é nem o Secretário de Educação mais, é a Diretora da escola quem recebe diretamente a parcela, porque é ela quem vai usar, e vai usar bem. (*Palmas.*) E não vai precisar de intermediário, não precisa de um agente político para arrancar lá de cima o dinheiro, porque esse dinheiro veio daqui debaixo, veio do povo e vai diretamente para onde é necessário.

Nós estamos refazendo as práticas, e é difícil como se relaciona o Governo Federal com o governo estadual e com o governo municipal. Nós estamos tirando um poder que não serve para nada, a não ser para humilhar, que era o poder do Governo Federal de segurar as verbas, reter e negociar politicamente. Nós não queremos esse poder.

O poder que nós queremos é o da convicção, é de, quando dissermos ao País “essa reforma é necessária”, o País compreender que ela é necessária, não porque o prefeito foi comprado por favores – porque não seria – ou o governador, ou o deputado, mas porque o povo sentiu que é necessário, o prefeito sentiu, o deputado, o senador e o governador sentiram. É

outro mundo, e não é virtude minha, é o País que já mudou. País que já mudou, mas ainda hoje tem que distribuir cestas. Dias felizes serão aqueles em que nós não tivermos que distribuir cesta alguma, porque cada um vai ter trabalho digno e salário justo para sua família.

Isso nós faremos. Não farei eu, não fará o Maguito, não fará o Curado, não fará a Igreja, não fará o sindicato, não será de um momento para o outro. Faremos todos juntos, e leva tempo. Não se produz de um momento para o outro.

Ainda agora, na questão da saúde, que me preocupa tanto, fui verificar os dados. O que eu tinha dito na minha campanha era que, no fim do Governo, nós distribuiríamos, *per capita*, 85 reais – naquela época, falava-se em dólares. Pois bem, nós já superamos essa marca hoje, e, concretamente, não sei se a saúde melhorou, porque não basta dinheiro, é preciso rever também as práticas, a gestão, a administração, a dedicação de cada um no desempenho da sua missão como funcionário público, como médico, como professor, como engenheiro, como servente, como o que seja. Não vai bastar dar mais dinheiro. Dinheiro ilude também. As verbas às vezes são mais vultosas do que o necessário e, onde elas são necessárias, não chegam.

É preciso verificar se a gente consegue fazer com que cheguem lá na ponta da linha. E isso não pode ser feito com espírito simplesmente de olhar de cima para baixo. É preciso que a sociedade se organize, que a sociedade, ela própria, obrigue, de alguma maneira, cada um de nós, cidadãos, a cumprirmos a nossa parte da responsabilidade.

Não tenho do que me queixar nesses seis meses de Governo, do apoio que tive de Goiás, enorme apoio, dos Deputados, dos Senadores, do Governador, dos Prefeitos – dos Senadores que estão aqui, e do que não está aqui, mas está bem representado por sua senhora. Não tenho nenhuma queixa. Todos estão entendendo isso. Aliás, não há por que se queixar nunca. Nós temos é que nos motivar.

Tenho certeza de que este povo de Goiás, desta cidade de Goiás, este povo bom que aqui está, que nos recebeu com tanto carinho, que está sendo governado de portas abertas, pode confiar em si mesmo. Confiando em si, caminhando firme, de cabeça erguida, não tenham dúvidas,

encontrarão no Presidente da República, sempre, uma pessoa disposta a, se errar, corrigir; e, quando possível, acertar; uma pessoa que só vai saber se realmente acertou quando, não só no seu próprio julgamento, mas também no julgamento dos seus concidadãos, perceber que efetivamente o rumo traçado é o correto e que nós estamos pavimentando esse caminho para dias melhores.

Tomara que essas pedras tão densas de história da cidade de Goiás, que pavimentam esta cidade, nos sirvam de inspiração para que todos juntos possamos construir, para o Brasil, com a mesma força dessas pedras, um caminho para o Brasil que dê novamente dignidade ao seu povo.

Muito obrigado a vocês, de todo o coração.